



Advento do real

Colette Soler

Pré-texto do Encontro Internacional de Barcelona (Setembro/2018)

Abril 2017

Aproveito este primeiro pré-texto que me pediram as duas responsáveis pelo Encontro Internacional de 2018, em Barcelona, para refletir sobre a problemática do tema que escolhemos.

A palavra *advento* designa um momento de emergência, um momento de aparição de algo inédito, que pode ser previsto – advento ao trono de Luís XIV ou advento de um novo regime político, que pode também ser simplesmente esperado, como no uso messiânico, advento do salvador ou do fim dos tempos –, mas que pode também advir de surpresa. Não seria esse, por exemplo, o caso do advento do freudismo no final do século XIX? A nuance aí é interessante: não falaríamos do advento de Freud, mas do freudismo, e ele sequer era previsto e menos ainda esperado.

Advento de real, então? A ideia comum, mesmo a recebida da transmissão lacaniana, não é a de que o real possa advir. Ele seria pensado mais como o impossível de se evitar pelos falantes que são soçados por imaginário e simbólico. Essa definição (impossível de se evitar), a mais ampla possível, divide já o real em duas partes. De um lado, o real que não deve nada ao simbólico, um tsunami, assim como a *sex ratio* para a qual Lacan deu tanta importância, são desse gênero, digamos, globalmente, o real da natureza ou da vida. Mas o impossível de se evitar não se reduz aí, pois, por outro lado, há também o destino – essa é a palavra que temos em nossa civilização para o impossível de se evitar – que nos faz a linguagem.

Desde sempre, nós o declinamos em termos de *mal-beur* [infelicidade, má hora], impotência e impossibilidade, e o imputamos aos deuses e ao pecado. Lacan, por sua vez, reconheceu aí o efeito da estrutura de linguagem sobre o ser vivo [*vivant*], aquilo que chamei de as negatividades da estrutura. Mas dizer isso é esquecer que as hiências introduzidas pela linguagem no ser falante são prenhes de algo completamente distinto dessa maldição: de todas as possibilidades de invenção e de criação que por tempos subsumimos ao termo “sublimação” e da qual humanidade se vangloria. Desde “A questão preliminar”, Lacan não dizia, aliás, que “a função de irrealização não é tudo no símbolo”?¹

Ora, quando ele emprega a expressão “advento do real” – ele não diz de real nem de *reais* – em “Televisão” e em “A terceira”, ele fala, nos dois casos, dos efeitos da ciência. Alunissagem por um lado, e, por outro, produção de novos mais-de-gozar no capitalismo que a ciência condiciona. Está-se aí precisamente na problemática da fecundidade humana, de sua capacidade de fazer advir algo novo, de mudar, conjuntamente, seu ser e seu entorno ao mesmo tempo. Sem dúvida, nos dias atuais não estamos tão certos de que essa capacidade seja sinônimo de progresso, como foi o caso com o entusiasmo das Luzes no século XVIII, e também com a espera do “homem novo” no século XIX; hoje, a história mostrou a face sombria e sem leis dessa fecundidade. Lacan, sempre em sintonia [*à l'heure*] com seu tempo, toca aí indubitavelmente em seus efeitos... biopolíticos para o coletivo, para além dos efeitos propriamente individuais de que a psicanálise trata. Aliás, já o fim do *Seminário 11* questionava: o que acontecerá quando o livro todo da ciência for consumido? O último capítulo, sem dúvida, ainda não foi escrito, mas não podemos fazer menos do que retomar a questão em 2018, em Barcelona.

¹ Jacques Lacan (1958). “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: *Escritos*. Rio de



Será apenas um aspecto de nosso tema, pois teremos que nos perguntar também como advém, para cada um, esse real que o inconsciente nos produz, por muito tempo nomeado destino. Falaremos de um advento do destino, sob a face mais sombria da maldição? Eis a questão. Os dois termos parecem se contradizer, já que o advento é evento, ao passo que o destino é comentado como um “estava escrito”. E, de fato, ele é experimentado como algo sofrido, como repetição e sintoma, essencialmente duas noções freudianas, nas quais Lacan lê os dois principais efeitos do inconsciente-linguagem, a saber, o inexorável encontro falho e a fixação inamovível do gozo e dessas condições.

Advento da repetição, então? Sim, já que a repetição é menos *automaton* do que *tyché*. É preciso o encontro acidental, de acordo com os episódios da vida, para que a lei do encontro falho advenha como necessária, como aquilo que não cessa. Advenha por aquilo que o motiva, a insistência dos significantes do inconsciente. Lembrei do texto de 1955, dizendo que a função de irrealização do símbolo não é tudo, mas deixei em suspenso a sequência da frase, que dizia, falando do símbolo “para que sua irrupção no real seja indubitável, basta que ele se apresente, como é comum, sob a forma da cadeia rompida”.² E Lacan queria como prova disso nada menos do que as palavras de amor ao se aproximar da coisa parceira. “Televisão” dirá, aproximadamente vinte anos mais tarde, “boa hora” [*bon heur*], “o sujeito feliz, essa é sua definição” irônica. Ele está sempre na boa hora [*à l'heur*] da repetição. É que, entretanto, Lacan produziu o inconsciente como saber, feito de significantes-gozados cuja insistência na aproximação do Outro é justamente um advento de real, o do “não há relação sexual”.

Quanto ao advento de real no sintoma, nós o vemos no estado em que nasce com a fobia, esse primeiro significante que se excetua dos significantes da demanda vindos do Outro. O cavalo significante de Hans não é um objeto, Lacan teria reiterado bastante, mas também não é uma oferta do Outro, ele é propriamente um advento, uma invenção – ei-la invenção novamente –, de um significante que “encarna” o gozo do “pênis traumático”.³ Ele assegura uma primeira coalescência do gozo e do significante. E coube a Lacan dizer que Freud inventou o inconsciente, o inconsciente que ele decifra em significantes, a partir da descoberta que certos seres fazem de sua própria ereção, a partir, portanto, desse primeiro gozar traumático que a fobia eleva ao significante, usando de alguns elementos imaginários da percepção. Esse é exatamente o advento da cifração do gozo, pois as fobias infantis desaparecem, mas a cifração, ou seja, a substituição, continua, de sonho a lapso, nas ditas formações do inconsciente.

Restam as fixões de gozo do sintoma, menos efêmeras, por sua vez, em que a cifra advém como letra, única a ser idêntica a si mesma, ou seja, fora de cadeia e insubstituível, exceção, portanto. Seu advento é sem lei, contingente, excetuando-se programas do discurso do Outro, e é, se acreditarmos em Lacan, o que o LOM, que ele escreve em três letras e que se fabrica entre simbólico e imaginário, tem de mais real.

Em todos os casos, o real que advém, quer seja pelo coletivo ou por cada um, é um produto dessa estranha capacidade do LOM de fazer linguagem de tudo, dos mistérios de uma natureza que ultrapassa e que a ciência procura dominar, assim como da coisa gozo que o aperta no particular dos casos e que é justamente o motor das línguas em constante evolução. O psicanalista utiliza isso, mas para qual fim?

Tradução: Cícero Oliveira

Revisão da Tradução: Dominique Fingermann

² Ibid.

³ Jacques Lacan (1975). “Conférence à Genève” In: *Bloc note de la psychanalyse*, n° 5.